

A ITÁLIA NA VIDA DO BEATO ANCHIETA

Domenico Grimaldi Rizzo, nobre genovês, dos conquistadores da Ilha de Tenerife, foi padrinho de Anchieta, ao ser este batizado a 7 de abril de 1534, menos de vinte dias depois de seu nascimento a 19 de março, dia de São José, cujo nome recebeu. João López de Anchieta, seu pai, mantinha, evidentemente, boas relações com o nobre genovês, com quem cultivou o afilhado filial amizade, durante os anos de sua infância, em São Cristóvão da Laguna. Um de seus irmãos, João de Anchieta, casar-se-á mais tarde com uma neta de Grimaldi.

Durante os estudos do jovem Anchieta, no Colégio das Artes em Coimbra (1548-1551), conheceu ele certamente alguns dos mestres italianos, lentes naquela universidade. Entrando na Companhia de Jesus, foi encontrar no noviciado ao Irmão Francisco Adorno, futuro provincial da Lombardia e confessor de São Carlos Borromeu. Com os tios de Francisco Adorno, José, Rafael e Antônio, travou conhecimento e amizade em São Vicente, no Brasil, aonde chegou véspera do Natal de 1553. E essa amizade se prolongou todo o tempo, em que viveu e trabalhou nessa capitania, como mestre de Humanidades (1554-1563) e depois como superior das casas de São Vicente e de São Paulo (1567-1577).

De José Adorno, dono do Engenho de São João em Santos (para o fabrico de açúcar), trata largamente Anchieta, na sua carta de 8 de janeiro de 1565, acerca da embaixada de paz junto aos ferocíssimos tamoios, em Iperui. Nela menciona também ao Padre Francisco Adorno. Não eram, porém, os Adornos os únicos italianos, residentes então nessa capitania brasileira. Em Santos residia Nicolau Grillo, curado certa vez por Anchieta, de gravíssima enfermidade e que lhe retribuiu sempre provas de muito afeto. Mas é, sobretudo de um outro italiano, ali chegado em 1556, que aqui se faz agora menção particular. Chamava-se João Batista Maglio.

Enviado de Antuérpia por Gaspar de Schetz, em 1556, para administrador do Engenho de São Jorge, também conhecido como Engenho

dos Erasmos, tornou-se, desde 1567 principalmente, amigo do Padre José que, superior da residência em São Vicente, dispensou durante dez anos assistência religiosa ao pessoal desse engenho, não muito distante da vila. Salvou-lhe Anchieta a vida de um de seus filhos de poucos meses (Pero Rodrigues, *Vida do Padre José*, São Paulo, 1978, 134). Em sua carta de 7 de junho de 1578, refere-se Anchieta de modo especial a João Batista Maglio e a seu filho Luís, chegado havia pouco de Flandres.

Por volta de 1573-1574, cessara, por mais de um ano, em virtude da pirataria de franceses e ingleses no Atlântico, o tráfico marítimo para São Vicente. Escasseavam ali os produtos do Velho Mundo. Entre eles, azeite e vinho. Maglio via, com apreensão, esgotarem-se suas últimas reservas do precioso líquido. Manifestou a Anchieta sua aflição: sem essa bebida não saberia viver; daria metade de sua existência em troca de uma pipa de vinho. Consolou-o o Padre José: «Não vos agasteis, que o dia de São Francisco não é passado» (*O. cit.*, 117). O fato se passou obviamente a 3 de outubro de 1574.

«E logo no dia seguinte do seráfico São Francisco veio um navio do Reino, dirigido ao mesmo João Batista Maglio, morador na Capitania de Santos, no qual vinha muita fazenda e também a droga, que ele desejava». O navio «era a nau dos Erasmos, senhores do Engenho de São Jorge, situado na dita capitania» (aliás de São Vicente), que trouxe também para os jesuítas de presente uma pipa de azeite, o outro produto de que havia mingua na terra e que, por milagre, gotejava ainda de um barrilete, na dispensa do Irmão Antônio Ribeiro, de que se proviam as lâmpadas do Santíssimo (*O. cit.*, 139).

Em *Notas de Investigação* (1), o Prof. A. da Costa Ramalho, da Universidade de Coimbra, publicou há pouco um soneto inédito em quatro línguas (português, espanhol, italiano e latim), encontrado na Miscelânea de manuscritos n.º 1636, p. 340, da Biblioteca Geral da Universidade, atribuído ao Padre Anchieta. É uma graciosa invocação a São José, o providente chefe da Sagrada Família, para que atenda ao desespero desse bom amigo. Trata-se de uma cópia, não de um autógrafa. O copista, algum jesuíta conimbricense por sem dúvida, desconhecedor das minúcias desta história, faz referência ao *flamengo*, a quem o vinho veio a falhar!

(1) *Humanitas*, xxxi-xxxii (1979-80), 244-245.

Flamengos eram os Schetz de Antuérpia, senhores do engenho, Gaspar, Melchior e Baltasar, filhos de Erasmo Schetz (†1555), que adquirira o engenho aos seus primeiros donos, um dos quais o capitão-mor e donatário da Capitania de São Vicente, Martim Afonso de Sousa (Engenho do «Governador»). Armadores, negociantes e das maiores fortunas na época em Flandres, distribuíam os Schetz diretamente nas praças flamengas o açúcar, produzido em São Vicente, para lá transportando as mercadorias europeias. Católicos convictos, foram sustentáculo da Igreja nas lutas religiosas de seu tempo.

Vamos, pois, ao soneto, atribuído ao Padre Anchieta, de que nas suas *Poesias líricas*, a editar em breve, dará conhecimento ao público brasileiro o Padre Armando Cardoso S.J., especialista da obra poética de Anchieta, que vem publicando há anos: o poema latino *De gestis Mendi de Saa* (Coimbra, 1563); o *De Beata Virgine Dei Matre Maria* (composto por José no seu exílio entre os tamoios de Iperui); o *De Eucharistia et aliis* (com várias composições inéditas); o *Teatro de Anchieta*, contendo suas composições dramáticas. Eis o soneto:

«A São José, quando acrescentou o vinho ao flamengo, que sentia muito esta falta. / Em quatro linguas»).

*«Soberano José, dai nova vida
a quem quase da vida desespera,
porque a glória, que em vida mais venera,
sem o sumo da vide, a vê perdida.*

*Prometed que la aurora bien venida
el vino aumentará del que quisiera
antes mengua en sus años y tuviera
la mengua de su vino más crescida.*

*Piange il Britano che gli manca il vino.
Santo Gioseffo habigli compassione,
ritrovi in te il gaudio, che dimanda.*

*Si augeas vinum, opere divino,
renovas vitam, cum dilectione
tua admiranti opera admiranda.»*

Nota à margem:

«O que fez este soneto foi o Pe. José de Anchieta».

Sabíamos todos que Anchieta dominava quatro línguas, a saber: o castelhano, sua língua materna; o português, que aprendeu cabalmente em sua adolescência em Coimbra; o latim, de que possuía na perfeição, não apenas a gramática, mas os escaninhos de sua literatura em prosa e verso; o tupi, idioma cujos segredos foi o primeiro a decifrar, para ele traduzindo o *Catecismo*, nele escrevendo textos de poesia lírica e dramática, iniciando-lhe o *Vocabulário*, e compondo-lhe sobretudo a gramática, ou *Arte da língua mais usada na Costa do Brasil* (Coimbra, 1595). Não sabíamos até há pouco que tivesse também conhecimento da língua italiana.

Além dos amigos italianos, acima enumerados, deve lembrar-nos que, por essa época, em que o scneto teria sido perpetrado, chegavam ao Brasil três missionários jesuítas italianos, aportados à Bahia a 29 de maio de 1575: Leonardo Armínio, João Batista Giaccopuzzi e José Murinelli. Não tardaram os dois últimos a serem destinados à Capitania de São Vicente, onde foram súbditos de Anchieta, entre 1575 e 1577. Com a facilidade excepcional que possuía para línguas, não é estranhável, portanto, que pudesse compor em italiano o terceto, que acima ficou transcrito.

Leonardo Armínio (1545-1605), professor de teologia no Brasil, foi o chefe da expedição missionária, enviada por Anchieta, em 1586, para o Rio da Prata e da qual resultou a primeira missão do Paraguai. Retornou logo ao Brasil, cedendo sua jurisdição ao chefe de outra expedição chegada a Tucucumã, proveniente do Perú. Antes de se retirar do atual território da Argentina, recebeu em Santa Fè um terreno, onde se ergueu depois o primeiro colégio dos jesuítas nessa localidade. Giaccopuzzi (1537-1590), com estudos de medicina, prestou bons serviços em missões indígenas e colégios do Brasil. Murinelli, nascido em Gênova em 1540, não tardou muito em voltar à sua pátria, deixando a Companhia (1586).

Não foram os únicos jesuítas italianos, que trabalharam no Brasil ao tempo de Anchieta. Na expedição missionária de 1577, chegavam Ventidio Baiardi, muitos anos mestre de humanidades no Rio e na Bahia, e o coadjutor Adriano João. Chegados na expedição de 1587, os coadjutores Ascânio Buonaiuto e Agostinho Cifarelli. Não completaríamos a matéria, anunciada desde o título «A Itália na vida do Beato Anchieta», sem mencionar, por fim, o nome de Dona Luísa Grimaldi, nome que, por erro, veio sendo adulterado para Luísa Grinalda, notável figura feminina na história do Brasil quinhentista.

Filha do diplomata português Pedro Álvares Correia e de Catarina Grimaldi, descendia por sua mãe de Honorato I, barão de Beuil e príncipe de Mônaco. Desposando a Vasco Fernandes Coutinho (Filho), o segundo donatário da Capitania do Espírito Santo, ali viveu durante o governo de seu marido (1576-1589) e governou depois em pessoa essa capitania até 1593, quando se retirou para Évora. Freira professa do Mosteiro do Paraíso, Madre Luísa Grinalda das Chagas, aos 85 anos de idade, deu ali seu testemunho, no *Processo Informativo*, para a beatificação de Anchieta, no ano de 1626, sobre a santidade de seu antigo conselheiro de todas as horas e diretor espiritual. (H. A. Viotti S.J., *Anchieta, o Apóstolo do Brasil*, São Paulo, 1966, 218).

Roma, 24 de setembro de 1981

Pc. HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, S.J.